

O PHAROL

ORGAM LITTERARIO

Redactor: Alfredo Raposo.



Anno I.
PARANA

Coritiba, 6 de Junho de 1898

Num. 7
BBAZIL

O GENESIS

Consideramos a Biblia como um thesouro occulto, o livro por excellencia, o qual, falsa e erradamente tem sido ensinado pela Igreja de Roma, que condemna o progresso, que cerra os olhos ao irradiar fulgurante da intelligencia, recolhendo-se no claustro do entio e negro da ignorancia, seguida por um cortejo de superstições e hypocrisias.

Varias seitas tem procurado ligar a Biblia á sciencia moderna; os Espiritas interpretam-na por outra forma que não a da Igreja de Roma; os espirituistas scientificos estudam-na, desvendam os seus mysterios, mostrando os seus pontos de contacto com a sciencia.

Bellissima concepção a de Moyses!

Fo-se mais leal a Igreja de Roma e explicasse o symbolo, as suas allegorias, e os «sabios officiaes», prebites de sabedoria, não mais lhe atirariam chufas, taxando a Biblia como um livro completamente falho de sciencia.

O dr. Maia Barreto, prefaciando o livro — *O homem através dos mundos* e referindo-se ao modo pelo qual o seu auctor interpreta a Biblia, assim escreve: — «O escriptor sustenta, grave, indelevelmente, como se a gravasse em letras de brônze, esta verdade — que existem livros sagrados portadores de uma revelação divina, ou inspirada, si quizerem por seres angelicos, porem só n'este ou n'aquelle topico, sendo que os outros logares de taes obras, mero producto intellectual do homem em taes epochas de atrazo, não supportam mais, hoje, a evidencia que sobre elles projecta o poderoso facho de luz empunhado pela mão de um Galileo ou de um Kepler».

A Biblia na mór parte é toda symbolica.

«Os livros do genesis de Moyses ainda que de alta elvação philosophica, ainda que escriptos sob alta inspiração não são mais que um resumo symbolico de tradições; metaphoras, e exigindo commentarios a todo momento.

Dir-se-hia que elles são uma essencia de grandes pesquisas scientificas da philosophia da natureza expressa por metaphoras. Elles exigem, repito, no fundo uma grande intelligencia para os comprehender, e se deixam interpretar por diferentes fórmas: — são de tal modo inacessiveis.» (1) Vamos explica-la a letra segundo a metaphrase romana e mostrar, sendo ella assim interpretada, o acervo de puerilidades e contradicções que d'ahi resultam.

«No principio creou Deos os céos e a terra» (2)

Voltaire, bellamente analysa esse primeiro versiculo do Genesis: «Tradução falsa. Qualquer homem por pouco instruido que seja sabe que a traducção do texto é a seguinte: «no principio os Deoses fizeram ou os Deoses fez o céo e a terra. Esta lição é conforme á antiga idéa dos Phenicios que haviam imaginado que Deos empregou Deoses inferiores para desenvolver o caos, o chaute-reb.»

«E a terra estava sem forma e vasta; e havia trevas sobre a face do abysmo. E o Espirito de Deos se movia sobre a face das agoas.» (3). Nesse caso a Biblia considera a materia eterna ou Deos desprovido de consciencia, ora, «o ser infinito, completamente privado de pensamento, não é mais que o principio material das cousas, e vós admittis então francamente, o materialismo.» (4).

- (1) Henri Levintoux — Philosophie de la Nature.
- (2) Genesis — Versiculo 1 — Cap. I.
- (3) Genesis — Versiculo 2 — Cap. I.
- (4) Dés Sciences Philosophiques.

«E disse Deos: Produza a terra herba verde, herba que dá semente, arvores fructíferas que deem fructo segundo a sua especie, cuja semente esteja nellas sobre a terra: e assim foi.» (5)

Como poderia haver vegetação sem o sol? De que modo fermentou essa terra? Que calor vivificava essas plantas se ainda o sol não existia?

«E disse Deos: Haja luminares na extensão dos céos, para fazerem separação entre o dia e a noite; e sejam por signaes, e por tempos determinados, e por dias e annos.» (6)

Afinal depois da vegetação apparece o sol!..

«Um dos pontos que tem sido mais criticado no Genesis, é a criação do sol depois da luz.

Tem-se procurado explica-lo, segundo os dados mesmo fornecidos pela Geologia, dizendo-se que, nos primeiros tempos de sua formação, a atmosphera terrestre, estando sobre carregada de vapores densos e opacos não permittia ver-se o sol, que desde então não existia para a terra. Esta razão seria talvez admissivel si, nessa época, houvesse habitantes para julgar da presença e ausencia do sol; ora, segundo o proprio Moyses, não havia ainda senão plantas, que, contudo, não poderiam crescer e se multiplicar sem a acção do calor solar.» (7)

«E creou Deos o homem a sua imagem, a imagem de Deos o creou. Macho e femea os creou.» (8)

«E abençoou-os Deos, e disse-lhes Deos fructificai e multiplicai-vos, e enchei a terra e sujeitae-a; e dominae sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céos, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.» (9)

- (5) Genesis — Versiculo 11 Cap. I.
- (6) « — « — Versiculo 14 Cap. I.
- (7) A Genese — Allan Kardec.
- (8) Genesis — Versiculo 27 Cap. I.
- (9) « — « — « — 28 Cap. I.

Voltaire, por nós. responde:—«Os Judeos acreditavam em Deos constantemente corporal. Todos os primeiros padres da Igreja, acreditavam tambem Deos corporal, até que tivessem abraçado as idéas de Platon.

—Elle os creou macho e fema— Si Deos ou Deoses secundarios crearam o homem macho e fema a sua semelhança, parece nesse caso que os Judeos julgavam Deos e os Deoses machos e femeas. (Hermaphoditas?) Procurou-se saber si o auctor quer dizer que o homem tivera a principio os dous sexos, ou se elle entende que Deos fizera Adão e Eva ao mesmo tempo. O sentido o mais natural é que Deus formou Adão e Eva ao mesmo tempo, mas este sentido contradiria a formação da mulher, feita de uma costella do homem muito tempo depois.»(10)

«E tomou o Senhor Deos o homem e o poz no jardim do Eden para o levar e para o guardar.»(11)

«Eis Adão, antes do peccado, condemnado ao trabalho, e a alimentar-se com o suor de seu rosto.»

«E edificou o Senhor Deos a costella que de Adão tomara, n'uma mulher: e a trouxe a Adão.»(12)

Somos chegados ao extremo da contradição.

«Deos já havia creado o macho e a fema; para que pois tirar uma costella ao homem para fazer uma mulher que já existia? Só servio isso para que muita gente supponha que os homens tem uma costella menos que as mulheres; e a anatomia nos prova que o marido tem o mesmo numero de costellas que a mulher.»(13)

Chegamos a nossa conclusão: a Biblia explicada a letra, como faz a Igreja de Roma, apontando, o Senhor como um velho severo, carrancudo e de barbas lendarias, dando a scena do paraíso como uma realidade se torna pueril e absurda.

«Não rejeitemos pois a Genese biblia; pelo contrario estudemol-a, como se estuda a historia da infancia dos povos. Foi uma época rica de allegorias cujo sentido occulto e preciso procurar, commentar e explicar por meios das luzes da razão e da sciencia. Fazendo sobresahir as bellezas poeticas, e as instrucções veladas sob a forma imaginosa; é preciso demonstrar abertamente os

(10) Genèse--Voltaire.

(11) Genesi--Versiculo 15 Cap. II.

(12) Genesi-- « e 22 Cap. II.

(13) Genés--Voltaire.

seos erros, no interesse mesmo da religião. Esta será mais respeitada quando esses erros não forem impostos a si como verdades e com isso Deos parecerá maior e mais poderoso quando seu nome não for envolvido em factos contradictorios, inventados, fingidos, falsos.»(14)

A Igreja de Roma sabe interpretar-a verdadeiramente.

Porque não a explica assim ?

(14) A Genese--Allan Kardec. Coritiba, 8 de Junho de 1898.

CARLOS RAPOSO.

Rimaure

(...)

Havia, minha noiva, antigamente
(Esta lenda contaram-me em creança)
Um homem que adorava loucamente
Uma estrella...mas vêde que lembrança!

Assim, só, pernoitava ao vento, ao frio
Das paragens poeticas do Rheno
Enamorando-a: ora a flor do rio,
Ora no manto azul do Céu sereno.

—Louco! Dizião todos os pastores.
—Doulo! Juntavam todas as mulheres
Eo moço, na embriaguez dos seus amores
Dizia ao mundo: Falla o que quizeres.

Humanidade injusta! Se o desejo
De amar um astro constitue peccado.
O que não é roubar sem dô, sem pejo
Toda a innocencia do objecto amado? .

E itão, por essas noites enluradas
Em que a Terra é toda amor e luz
Rouxinoleava o bardo umas balladas
Doces—como um conselho de Jesus.

—Astro (dizia) assim como se fosse
Um mago antigo, reverendamente
Curvo-me á tua luz suave, doce,
Na adoração dulcissima de um crente.

Como te amo! Ah! Como suspiro
Por viver, estrella, ao lado teu!
Sim! Pode a Deos que mate-me. Prefiro
A morte á vida aqui e tu no Céol...

Assim, quando uma vez, a estrella d'Alva
Tremeluzia no rubor da Aurora
A alma do poeta ingenua e salva,
Deixou a terra... e para o Céu se fora...

Coritiba—98

Pereira da Silva

Emilio Zola

Emquanto A Estrella assca improprios e blasphemos sobre o nome glorioso do extraordinario romancista Emilio Zola, a mocidade litteraria de Coritiba, em missiva vibrante, entusiastica e nobre sanciona plenamente o acto digno do genial escriptor.

Eis a carta que extrahimos de bellissima revista Club Coritibano:

Carta

AO GLORIOSO MESTRE DO NATURALISMO EMILE ZOLA

A mocidade litteraria deste canto do Brazil reunio-se, em sessão de 20 de Março, para protestar contra a attitudde incomprehensivel da França, condemnando o extraordinario Mestre do Naturalismo a uma pena cruel e injustissima.

Esse nosso protesto nasceo 1º da convicção absoluta que temos de que o extraordinario epico dos Rougon-Macquart, impolluto como é de coraçao e de espirito, entrou na questão—Dreyfus com a mais pura das intencionabilidades, n'um desdobraimento fulgido e real do seo temperamento de combativista:

2º porque a França, assim como todo o Universo que pensa, lê e admira todas as grandes Obras de Arte, devia manter para com o condottiere da Força, da Luz e d. Razão aquella nobre e honrosa linha de gentileza que dignifica e enaltece as nações.

Se bem que nós,—a geração de hoje—não palmilhemos já o sulco profundo e brilhante cavado pelo glorioso cyclope da Observação e do Experimentalismo em Arte, todavia não poderemos nunca esquecer esse luctador sempre digno cuja paixão fulgio nas ardentes payzagens dos nossos primeiros sonhos,—como um sol de ouro a rutilar sobre oceanos de purpura! Sim! nunca um escriptor soube dar mais profundos abais em seres que florescem para o Espirito do que esse que, um dia, illuminado por solsticios estheriacos e flammis rugidores de coleras dantescas, creou a epopea da Mizeria nas paginas terriveis do Germinal.

Nós acreditamos, contudo, para honra da Humanidade que esses que vos accusam hoje, e vos combatem,

--hão de ir amanhã carregar-vos
n'uma apothose resplandecente de
applausos e de estrellas.

Paraná, Curitiba, 21 de Março de
1898.

*Emiliano Pernetta,
Davio Velloso,
Silveira Netto,
Romario Martins,
Julio Pernetta,
Nestor de Castro,
Alfredo Cuelho,
Euclides Plainant,
Carlos Raposo,
Pereira da Silva.*

ELLA

Gravou-se na retina de meus olhos—teu perfil risonho—n'uma silhueta mimosa enfiada de luz e de petalas alventinentes de camelias claras!

Euclides Bandeira.

Ella, semp e Ella, o phabtor de meus sonhos: de branco, nos olhos amargura immensa reflectindo, e a renia de minha tortura afando em seus labios, estilhaça toda a alegria do meo ser...

Abro os olhos, e vejo-a fitando-me louncemente, desvairada, com um sorriso dilacerante, sorriso de gelo que percorre todo meo corpo e faz-me duett sar com aquelle so riso louco de phantasma.

O h-r chammejante, cabellos fufivos, descendo em fos caracolados por s bre seu rosto pavoroso e bel o de cadaver: enca-minha-se para mim, abraça-me, oscula-me fervor-samente, allucinadamente, e, a flor de gelo e bizarra e extranha de seus labios insaciaveis, trescalando a perfume de carne nova, hypnotisame...enche-me de sensualidade satanica.

Quando a melancholia da noite vai-se harmonisando com os risos dourados da manhã, Ella me abandona, perfida, e desperta-me, prostra-me ante o quadro da triste realidade, deixando gottear em meo rosto de hypnotizado, lagrimas algidas!...

Lagrimas feitas de toda a felicidade d'aquella noite!...

Coritiba,--98.

ALFREDO RAPOSO.

Indigena



O dia ja despontava
Pôr entre as palmas do iri;
No alto da cajaseira
La gritava
O bem-te-vi.

Andando, eu me recordava
D'aquella manhã fagueira
Em que teu riso frui,
Emquanto pelo arvoredo
A' passurada cantava
Contente como quem ri.

Ail tudo era grato e lèdo
Quanto é doce o sapoti!

O sol doirado aquecia
As flores brancas do ingá;
Mas frio peito eu sentia
Qual agua do Marangô.
E então commigo eu dizia:
Ai! quantas saudades ha
Longe de quem se deseja,
Em tudo quanto se vê!
Tristonha é a voz de narcéja,
Soturna é a sombra do ipé!

Cheguei na fonte onde outr'ora
Agua com tigo eu bebi;
Lá estava inda o pé de amora
Onde o teu nome escrevi.
Ai! deixa, deixa-me agora
Contar-te quanto eu soffri
Da negra saudade a mágua!
Meus olhos se encheram d'agua
Ao ver tudo quanto eu vi!
Sim, chorei gotas de orvalho;
P'ra que negar? eu chorei!
Lá ainda agitava o galho
Do velho pé de oiticica
O ninho da sapitica
Cujos filhinhos te dei!

Emfim sentei-me sosinho
N'um tronco de murungá;
Cantava a médio baivinho
Na catinga a pocassú.
Ahi fiquei pensativo,
Tristonho como a arará;
Tinha o coração captivo
Como agora inda elle está.

E então, ao me recordar
De tudo, e ao verme assim só...
— Saudoso, doce Anay,
Puz-me o teu nome a chamar
Chorando como o oitibó
Nas moitas do taquari!
E foi-se o dia e inda veio
A noite encontrar-me lá,
Co'a fronte pendente ao seio
Que nunca mais se erguerá!

E agora...O' jasmim cheiroso!
Eu sei que morro por ti,
Emquanto tudo é formoso
Quanto é doce o sapoti!

(Para o Echo do Bosque)

Vespasiano Tourinho.

Aos Srs

Assignantes

Declaro aos Srs. assignantes do «O Pharol», que do presente numero em diante a sua Redacção fica exclusivamente a meo cargo.

Didio Costa, devido a encommodos de sua saude retirou-se no momento justamente em que «O Pharol» necessitava de mais um braço que o auxiliasse á atravessar o caminho arido e cheio de desillusões que se lhe antolha.

Toda a correspondencia deve ser enviada á rua 15 de Novembro, n. 90—So-brado.—

Coritiba, 1º de Junho
de 1898.

Alfredo Raposo.

ALFREDO MUNHOZ

Deste illustrado e eminente jornalista recebemos o seguinte:

Illustre Redactor, do «O Pharol».

No n. 9 da *Estrella*, ergã ultramontano que se publica nesta Capital vem uma *calculada* insinuação contra o Positivismo e Espiritismo como causa principal do suicidio.

Como a Revista-*A Luz* da qual sou Redactor, só é publicada quinzenalmente, peço-vos que, no jornal que digna e intelligentemente redigis e que tem sabido, com valor, bater o *fanatismo* que infelizmente tem se desenvolvido nestes ultimos tempos, em Coritiba, acceiteis desde já os meus protestos, em nome do Es-

piritismo, contra tão aleivosa asserção.

No proximo numero da referida Revista demonstraremos á luz meridiana, quaes as idéas, quaes os principios, quaes as predicas que tem innegavelmente levado aos hospicios muita gente ou tem armado a mão suicida dos fapaticos *desilludidos*.

Coritiba,—Junho de 98.

Alfredo Munhoz.

Peçeiça da Silva

Recebemos deste talentoso e insuairdo moço a carta que abixo publicamos. Agraheidos, a alma cheia de saudade, desejamos lhe luar de prata, mar fulgido, onde singra docemente a não que o conduzirá ao porto almejado.

—CARTA ABERTA—

Esta carta, escripta com muita sinceridade, é um dever que cumprio.

O modo cavalheresco por que, n'uma phase tão angustiosa de minha vida, recebeu-me a hospitalidade d'esta terra, onde enco treio o mais doce acolhimento quer da parte sã e esudiosa da mocidade, quer no seio de tão boas familias exige, agora que tenho de ir continuar meus estudos no Rio, a mais sincera recompensa de meo coração.

Mas...como re-ompear tudo isso?

Pobre, sem nenhuma no breza senão a da alma, se tenho, cumpria-me deixar estas linhas simples e despretenciosas, mas sinceras e convietas, como um attestado cabal da Gratidão e saudade, que levo d'aqui.

E' o alvo d'esta carta; que elle seja attingido!

Coritiba, 3 de Junho de 1898.

Antonio Joaquim Peçeira da Silva.

HUMOUR

(BERNARDO)

Uma tarde d'estas, fui passear lá para a banda do Batel.

O tempo estava fresco e o céu azul som nuvens, promettia uma noite estrellada.

Sentei-me n'uma cadeirinha junto a uma meza do Recreio Familiar pedi que servisse-me um copo de leite.

Emquanto tomava o que havia pedido, vi aproximar-se de mim um rapaz que não me era desconhecido, mas de quem não me lembrava o nome nem de onde o conhecia.

O rapaz aproximou-se de mim e pronunciando o meu nome com alegria, pediu-me um abraço, como o fazia um muito intimo amigo.

Abraçei-o, porem ainda indeciso sobre a sua pessoa; quando de repente seu nome me veio á memoria.

--Bernardo! disse eu;--como estás magro, meu rapaz! que é isto? Estiveste doente?

--Doente, eu! não!

--Estou magro, é verdade; eu proprio me o acho muito; sinto-me esgrovinhado, mesmo.

--E olhe, disse-me elle mostrando a cabeça que principiava a calvejar; tenho até alem de tudo, milhões de cabellos brancos.

E hude um pobre homem se esbofar, trabalhar, trabalhar como tremil escravos, para envelhecer em poucos dias!

E acrescentou com emphase:

--Nunca mais, nunca mais me pegam n'outra se d'esta algum dia sahir!

--Mas, meo sapaz, disse-lhe eu, fitando-o; tu não me disseste o que te aconteceu.

Ah! sim; casei-me no sabbado passado, disse-me elle.

Já ha 3 semanas que o filho de meo pae não descançava; era um nunca acabar de encomendas a comprasinhas que punham-me em b'azas.

Minha hoje sogra, quiz fitas cor de gemma de ovo com li-tras verde abacate, porque o vestido era cor de saico com bicos cor de melão; minha hoje mulher, que é literata e gosta muito de ler Alfonso Karr, depois de muitas cousas, quiz um frasco de *Vergiss-mein-nicht*, um tal perfume que eu quasi não encontrava em parte alguma que era, segundo disse-me, para perfumar o nosso leito; pois é o perfume dos noivos.

A graça é que andei este commercio inteiro a procurar o tal cheirinho e afinal pude encontrar, depois de muito trabalho, um frasco da tal cousa que não era a tal cousa; porque estava em inglez e ella queria em allemão; não era *vergiss mein nicht*, era *forget me not*.

--Mas como ia eu dizendo, tor-

nou-me o Bernardo; casei-me no sabbado passado.

Minha sogra que é uma boa senhora.. (para os outros) falo em minha sogra porque meu sogro não se mette cá n'estas cousas; em casa d'elles a mulher é o marido e o marido é a mulher; mas, como tinha principiado, minha sogra que é uma senhora disse-me logo:

--Olhe que não se quer funcção, hein? é só para a familia; alguns amigos intimos e alguns parentes, e nada mais.

--Pois sim' disse-lhe eu.

--E convidei alguns amigos intimos, uns cinco apenas; mas muito intimos.

Lugo no sabbado de manhã, porém começaram a dar entrada os convidados de minha sogra; finalmente depois do acto religioso que foi no mesmo dia do civil, voltamos para casa.

--Ah! meu caro, amigo, disse-me o Bernardo; que horror! Tu não imaginas! Fiquei estupefacto; que exercito de alguns parentes tinha a mão de minha mulher!

--Imagina; 24 primos e 18 primas em diversos graus; 16 afilhados da mãe da comadre de minha sogra; 18 ditos da minha dita, 3 tios, 4 tias 14 sobrinhos, 10 sobrinhas, 20 comadres, 12 cunhados, 6 cunhadas e um sem numero de creanças de todas as sexos e todas as idades, que enchiaram-me a casa e faziam um barulho dos mil peccados.

Foi tal a causa, que não achei aonde accommodar os cinco amigos intimos, muito intimos, que havia convidado.

A invasão foi geral!

Tomaram conta da casa, encheram os quartos, assalaram a mesa e toca a devorar!

Aqui confesso-me eu, fiquei incomodado, contrariado mesmo, porque soffro de um *nervoso impossivel*; de de forma que durante a noite inteira... ah! meo amigo!.....

Minha mulher que é muito hysterica ficou zangada commigo e de manhã acordou toda arufada, dando-me uns machôchos... que só se vendo! Mas felizmente, na noite do domingo fizemos as pazes; porque o tal *nervoso* foi se, e na segunda feira levantou-se toda sorrindo e meiguices para mim.

Mas, meo amigo, nada! nunca mais me pegam n'outra!

Casar?! eu?! bom bom! aguentar 145 parentes e adherentes da mãe de minha mulher, eu?! que!, não me pegam mais!.. Só de pão... Deus do céu! só de pão... n'este tempo em que as cousas estão bicudos, é para derancar um homem!

O melhor é que os tacs senhores alguns parentes da mãe de minha mulher não queriam mais ir-se embora, e foi preciso eu dar um desespero, que ia-me sahindo caro....

E o Bernardo despedindo-se, acrescentou.

--Emfim, aconselho-te o seguinte, meu amigo --quando tiveres de te casar, se ainda não és casado, pergunta logo a tua futura sogra, quantos são os seus alguns parentes, como medida de prevenção.

Taurus Minimus.

Toda a correspondência deve ser dirigida a rua 15 de Novembro n.90

—(Sobrado)—